

2

Itinerários político-afetivos

2.1

A representação da afetividade na cultura portuguesa

Pensando bem, não tenho biografia. Melhor, todo escritor português marginalizado sofre biograficamente do que posso denominar complexo do iceberg: um terço visível, dois terços debaixo de água. A parte submersa pelas circunstâncias que nos impediram de exprimir o que pensamos e de participar da vida pública é um peso (quase morto) que dia a dia nos puxa para o fundo. (...) Digo apenas que tinha direito à experiência da minha própria liberdade. Oportunidades limpas. Viver, falar, agir, segundo uma consciência que não julgo tenebrosa nem perversa. (José Cardoso Pires)¹⁰⁵

O texto “Iceberg”, de José Cardoso Pires, trata de uma resposta a uma estudante de literatura que lhe pede dados biográficos. Nesta carta, o escritor afirma que não tem biografia e compara a sua vida a um iceberg. A metáfora apresenta a parte submersa no mar como sua vida em ditadura (maior parte) e a ponta do iceberg a vida em liberdade política. Neste texto, Cardoso Pires reclama seus direitos de *viver, falar e agir*, condições intrínsecas ao ser humano, sem as quais se torna impossível o exercício da cidadania e da vida social. Colhemos um depoimento que vai ao encontro do desabafo de Cardoso Pires. A advogada Marilinda Fernandes era estudante universitária na época da ditadura e sentiu o medo e a repressão característicos da época:

A ditadura era algo sufocante, algo que não te deixava respirar, quer dizer, a respiração era muito difícil. Por que era muito difícil? Porque as pessoas tinham um medo imenso de falar. Falar já era motivo quase para se ser preso. Quer dizer, não havia liberdade de expressão, não havia o mínimo de direitos humanos, o movimento estudantil era extraordinariamente sufocado. Muitos rapazes são presos, muitas lideranças são enviadas para frente de combate nas ex- colônias e muitos são postos assim, quase como carne de canhão, como castigo. As pessoas foram torturadas de forma muito bárbara.¹⁰⁶

¹⁰⁵ PIRES, José Cardoso. “Iceberg” In: *Aprendiz de feiticeiro*.

¹⁰⁶ Entrevista de Marilinda Fernandes. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kSIspSH4psQ&NR=1>

A dificuldade de se expressar, que tanto Cardoso Pires quanto a advogada portuguesa abordam, nos conduz a mesma problemática expressa na crônica *Boa noite a todos* em que o personagem chega a tal ponto de desprovemento, de falta de expressão, que chega a se anular como ser humano que é.

Se te cumprimentarem não respondas, se te perguntarem seja o que for
diz

-Não sei

Ou inventa uma língua para dizer

-Não sei

por exemplo

-Vlkab

ou

-Tjmb

e mostra-lhes o rio com o indicador. Depois começa a caminhar na direcção da água, onde já não te seja possível escutar o comboio, nem os automóveis, nem as pessoas atrás de ti (...) Debruça-te da muralha para o rio e não verás ninguém: o comboio levou-te. (...)

O teu passado foi-se embora, não te recordas de nada, nada disso existiu e é noite.¹⁰⁷

Esta crônica apresenta um personagem que se inclina no sentido de esquecer, tanto o passado quanto o diálogo. Percebemos que o sujeito literário evita recordar até mesmo a sua própria língua, o que desqualifica o português como língua comunicativa em tempos de repressão. Nesse caso, o autor iguala as palavras fictícias “vlkab” e “tjmb” a “não sei” o que nos dá a entender que, ainda que o personagem se expressasse em um idioma inteligível, não seria ouvido. Ou seja, qualquer que seja a resposta do sujeito, ele pode se comprometer, já que os julgamentos na ditadura não são baseados na justiça nem tampouco dão direito a defesa. Nota-se também que a frase “mostra-lhes o rio com o indicador” dá ao personagem um tom evasivo, de quem não quer se comprometer.

Além disso, percebemos que Lobo Antunes infantiliza o personagem ao usar elementos como inventar idiomas e apontar com o indicador. Observa-se que

¹⁰⁷ ANTUNES, António Lobo. “Boa noite a todos”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 36

palavras como “vlkab” e “tjmp” só poderiam sair da boca de um bebê que não domina a linguagem, caso contrário a pessoa certamente pareceria insana. Acompanhando o som sem sentido das palavras inventadas, o autor ainda trouxe a imagem do indivíduo que, em resposta a polícia, aponta com o dedo indicador, outra atitude comum somente às crianças. Além da imagem trazida pelo autor, que apresenta elementos infantis à atitude comportamental do personagem, outros dados também nos permitiram fazer esta análise. Soma-se à crítica o fato notório de que os bebês não têm opinião própria, não têm as rédeas de suas vidas, não tomam decisões, não sabem se comunicar e não têm passado. A crônica termina com “O teu passado foi-se embora, não te recordas de nada” Parece que Lobo Antunes além de fazer uma severa crítica ao regime de Salazar ainda foi adiante e trouxe ao personagem um agente social fraco e indefeso. Desta forma, como aparece em outras análises, o autor culpabiliza também a sociedade pela política que reinava em Portugal, pois mostra o indivíduo português como um ser social que se esquivava e abaixa a cabeça.

Há ainda outros elementos no texto que enfatizam a atmosfera sufocante, como o *comboio*, as *peessoas atrás de ti* e a *noite*, frequente metáfora da ditadura. O cuidado que as pessoas tinham ao não dar informações e ao procurar não se tornarem suspeitas para as garras da censura e da polícia política se justificava. O silêncio, então, se estabelecia como um mecanismo de defesa para os portugueses em tempos de censura da PIDE, como podemos observar no seguinte trecho do historiador Kenneth Maxwell:

O regime de Salazar era dotado de fortes meios de repressão. A polícia política espalhava a sua influência insidiosa por todo o país, por meio de uma rede de colaboradores e espiões. Poucos recursos havia contra as suas pressões. Com o perigo à espreita em cada conversa política, as pessoas tornaram-se esquivas, desconfiadas e silenciosas.¹⁰⁸

A ditadura fascista de Salazar foi um regime demasiadamente cruel no que tange às relações humanas e as sequelas geradas pela repressão vão além da vertente política e da cidadania, que inquestionavelmente foram contidas em seus direitos primários. Oliveira Marques afirma que a censura *visou assuntos não*

¹⁰⁸ MAXWELL, Kenneth. *A construção da democracia em Portugal*. Tradução de Carlos Leone. Revisão de Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p.31

apenas políticos e militares, mas também, morais e religiosos, normas de conduta e toda e qualquer notícia susceptível de influenciar a população num sentido considerado perigoso. O regime ditava o comportamento que os indivíduos deveriam seguir, como é comum aos governos repressores. Lobo Antunes diz em entrevista à Maria Luisa Blanco: *A repressão política afectava as atitudes mais elementares: não se podia beijar uma rapariga na rua, qualquer atitude, por mais inocente que fosse, era interpretada como uma transgressão e ninguém se atrevia a mexer um dedo, nem sequer a falar.*¹⁰⁹

Ressalta-se que o poder e a autoridade ilimitados e sem vigilância, na maioria das vezes, deslizam para o abuso e para o desrespeito aos direitos humanos. As vítimas da PIDE não tinham direito à defesa, eram presas, por vezes, sem culpa e sem mandato, tinham confissões extorquidas por meio da tortura. O próprio Salazar confessa em entrevista a Antonio Ferro: *Chego a concordar que a censura é uma instituição defeituosa, injusta por vezes, sujeita ao livre arbítrio dos censores, às consequências do seu mau humor.*¹¹⁰ Porém, para ele, parece que este não chega a ser motivo suficiente para que a censura seja controlada, quiçá extinta, pois ela permanece sem mudanças estruturais e cada vez com mais poder. Segundo Oliveira Marques, a Polícia Política Portuguesa chegou a *tais limites de poder e penetração que desafiaram a autoridade do próprio Estado – incluindo as Forças Armadas – e a converteram gradualmente em num estado dentro dele.*¹¹¹ Salazar costumava afirmar que *mais vale um safanão a tempo do que deixar o diabo solto no meio do povo*¹¹². Parece que, para ele, a tortura era um meio legítimo para salvaguardar a população de ações julgadas subversivas.

A frigideira, avalia-se bem, é um verdadeiro forno crematório. Das 10 às 16 horas, o sol ardentíssimo, batendo continuamente as não muito espessas paredes de cimento, concentra no interior, com a ajuda da falta de ventilação e da renovação de ar, uma temperatura que deve oscilar entre 40 e 60 graus! É nesse ambiente que o preso político cumpre pena de isolamento! (...) No interior, como mobiliário, há apenas dois baldes: um para as dejeções e outro com água para

¹⁰⁹ Entrevista de António Lobo Antunes concedida à Maria Luisa Blanco. In: “aprendizagem da liberdade”.

¹¹⁰ Entrevista de Salazar concedida a António Ferro acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TpNy9PzNNnY>

¹¹¹ MARQUES, A.H. de Oliveira. “História de Portugal: Das revoluções liberais aos nossos dias”. 3 edição, 1986, Palas Editores. Volume III. P. 433

¹¹² Citado em: *Salazar e os fascistas: salazarismo e nacional-sindicalismo: a história dum conflito, 1932-1935” -; de João Medina - Publicado por Livraria Bertrand, 1978. P.90*

beber. Mais nada! Nem cama, nem enxerga, nem uma pouca de palha para sobre ela repousar o desgraçado do preso de dia ou de noite. Nada. Pior do que se faz aos animais inferiores. (...) É aí que terá que cumprir a pena de isolamento durante dez, vinte, trinta, quarenta ou setenta dias consecutivos, em regime de pão e água em dias alternados. (...) Parece, incrível, mas é rigorosamente exato.¹¹³

Muitas pessoas morreram com os *safanões a tempo* ordenados por Salazar. Ressalta-se que o medo de falar e de dar informações expresso na crônica *Boa noite a todos* é bastante procedente, vista a realidade política em que o país se encontrava.

Além disso, percebemos que o fardo da censura ultrapassa os limites do medo. Para além da prisão e da tortura iminentes, aqueles que não ameaçam o regime e, inclusive, seus apoiadores, também se vêem ameaçados na liberdade, pois os livros, o cinema, o teatro, a televisão e os jornais são censurados, além de serem proibidas as reuniões de amigos, festas, movimentos estudantis. *Em todos os casos, nenhuma palavra ou imagem podia ser publicada, pronunciada ou difundida sem prévia aprovação dos censores.*¹¹⁴

Neste ambiente claustrofóbico onde até a *respiração* se torna *difícil*, a busca pela liberdade passa pela vontade de sair sem destino, sem dar satisfações, acelerando o carro o mais rápido possível. Essas imagens são hoje consideradas clichês para o conceito de liberdade, no entanto, já significaram muito em tempos de ditadura. A moto e a auto-estrada, com os cabelos ao vento são imagens massificadas que representavam na década de 60 liberdade e felicidade. A crônica *Em caso de acidente* ilustra essa questão utilizando esses elementos:

Hoje estava capaz de me ir embora: pegar nas chaves do carro sem motivo nenhum (...) acelerar o mais depressa possível, queimando semáforos na direção da auto-estrada, sem ligar aos painéis que indicam as cidades e a distância em quilômetros, sem uma idéia na cabeça, sem destino, sem mais nada para além dessa pressa de me ir embora, colocar entre mim e mim o maior espaço possível. (...) Hoje estava capaz de me ir embora: as paredes da casa apertam-se, tudo me parece tão pequeno, tão inútil, tão estranho. (...) Hoje estou mesmo capaz de me ir embora antes que fique louco como os cães, correndo em círculos na noite.¹¹⁵

¹¹³ MARQUES, A.H. de Oliveira. “História de Portugal: Das revoluções liberais aos nossos dias”. 3 edição, 1986, Palas Editores. Volume III. P. 435

¹¹⁴ MARQUES, Oliveira. “História de Portugal”. Volume II. P 425/426

¹¹⁵ ANTUNES, António Lobo. “Em caso de acidente”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 44

Percebemos que o ambiente que “se diminui” onde *tudo parece tão pequeno, tão inútil, tão estranho*, acoplado ao elemento *noite*, demonstra a atmosfera da ditadura que é capaz de fazer com que o sujeito *fique louco como os cães*. A falta do que fazer e o tédio, inerentes a um país onde quase tudo é proibido, são elementos recorrentes na obra de Lobo Antunes. A crônica *Ensina-me a voar*¹¹⁶ representa esse tédio em um personagem adaptado ao sistema, se é que se pode considerar um sujeito que deseja a morte adaptado, mas ao menos esse personagem não parece ser politicamente esclarecido. Nessa crônica, a vontade de morrer desliza para o desejo de deixar de existir, *como uma lâmpada se funde*.

Sobretudo nos domingos de inverno quando às quatro da tarde acendemos as luzes e apetece-me morrer. Não morrer, é claro, por uma morte de doença ou assim, simplesmente deixar de existir (...) como uma lâmpada se funde , desaparecer por completo, sem rastro, nunca ter nascido (...)

De forma que no inverno, quando me apetece morrer, vou buscar a coleção de borboletas no armário (...) e fico durante horas debruçado para os bichos indiferente à chuva e à tristeza das árvores. A minha mãe ainda protesta do crochet a contar as malhas com a unha

- Sempre gostava de entender a graça que achas a isso

Mas como detesta que eu saia por causa das más companhias e das doenças das mulheres, resolve calar-se não vá eu guardar as caixas e descer as escadas para a academia de bilhar da avenida, cheia de homens com a unha do mindinho comprida e de senhoras que fumam

(na opinião da minha mãe uma senhora que fuma não pode ser honesta) (...)

(deve haver com certeza países sem domingos de inverno)

onde não é preciso fazer crochet toda a tarde nem olhar caixas com bichos porque se é feliz.¹¹⁷

Esta crônica aborda elementos que formam a comunidade genuinamente portuguesa que o Estado Novo procurava criar. Temos a infelicidade controlada por uma caixa de borboletas. A mãe controladora e preconceituosa que representa a mentalidade da burguesia salazarista. O crochet, que é muito recorrente nas crônicas de Lobo Antunes exatamente por representar a falta de diversão e prazer. Bem como a unha do mindinho comprida dos homens e cigarro das mulheres que servem, nesse caso, como revelador do caráter dessas pessoas. No artigo “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do

¹¹⁶ ANTUNES, António Lobo. “Ensina-me a voar”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 317

¹¹⁷ ANTUNES, António Lobo. “Ensina-me a voar”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 318

totalitarismo”, o historiador Fernando Rosas afirma que o Estado Novo *exigiu e criou um aparelho de inculcação ideológica autoritária, estadista, mergulhado no quotidiano das pessoas (ao nível das famílias, da escola, do trabalho, dos lazeres), com o propósito de criar esse particular «homem novo» do salazarismo.*¹¹⁸ Rosas defende neste artigo que, bem como em outros regimes fascistas, o salazarismo interveio não apenas no âmbito político, mas procurou *resgatar as almas* dos portugueses e reeducar seus *espíritos* de forma a criar um homem perfeitamente adaptado aos interesses nacionais.¹¹⁹ Para isto, foi preciso modificar os *comportamentos* e as *atitudes* bem como as condições sociais e mentais das massas.¹²⁰

Zygmunt Bauman, célebre sociólogo polonês, em seu livro *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual* serve como luz para tentar compreender a mais longa ditadura da história da Europa. Diz ele:

Você quer segurança? Então abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo.¹²¹

Bauman previne: *Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos*¹²². A utopia da comunidade segura tem um alto custo. Bauman inicia a introdução desse livro fazendo-nos refletir sobre a ideologia que envolve o conceito de comunidade. E logo esclarece: *o que quer que comunidade signifique*

¹¹⁸ ROSAS, Fernando. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*, vol. XXXV (157), 2001, 1031-1054

¹¹⁹ ROSAS, Fernando. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*, vol. XXXV (157), 2001, 1031-1054

¹²⁰ *Ibidem*

¹²¹ BAUMAN, Zygmunt. “Comunidade: A busca por segurança no mundo atual”. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2003

¹²² *Ibidem*

é bom ter uma comunidade¹²³. Em relação ao perigo, o sociólogo nos explica que a comunidade é um lugar de segurança, não apenas real, mas também imaginária:

Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alerta quando saímos, prestar atenção com quem falamos e quem nos fala.(...) Aqui na comunidade podemos relaxar, (...) não há perigos ocultos, (...) podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros.¹²⁴

Contudo, logo nos alerta que essa comunidade *sempre esteve no futuro*, e *lamentavelmente não está em nosso alcance*¹²⁵. Coloca também que, ainda que esse *paraíso perdido* fosse encontrado, ele exigiria das pessoas um pagamento demasiadamente alto para a *prestação de seus serviços*.

Os portugueses pagaram esse preço alto: A comunidade em troca da liberdade. Para criar essa comunidade de que trata o sociólogo, o governo de Salazar se apoiou principalmente em três pilares: Deus, Pátria e Família¹²⁶. Segundo Salazar *quem não é patriota não se pode considerar português*¹²⁷. No entanto, observamos uma estrutura social doente na relação que Lobo Antunes expressa dos indivíduos com a Pátria. Na crônica *Olá*, por exemplo, o autor expressa a sua condição não-patriótica. Revela-se nesta crônica uma rejeição à lavagem cerebral imposta pelo regime:

Hoje almoçaste com um russo (...) Ele sempre <o meu país>, <no meu país>. Mãezinha Rússia. Um amor tão carnal, tão de vivo para vivo. A mãezinha dele e a minha orfandade à portuguesa. (...) ia ficando a vê-lo afagar nomes mágicos com a boca: Puskin, Tchecov, Gogol. Dostoievsky na Sibéria. Dou-lhe quem, em troca? Julio Dinis, Camilo? Paizinho Portugal. Meu pobre paizinho Portugal¹²⁸

Meu pobre paizinho Portugal representa não apenas a pobreza financeira, que era de fato um problema, como veremos a seguir, mas, sobretudo, ressalta a pobreza cultural do país. Nessa altura Portugal tinha setenta por cento da

¹²³ Ibidem

¹²⁴ BAUMAN, Zigmunt. "Comunidade: A busca por segurança no mundo atual". Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2003

¹²⁵ Ibidem

¹²⁶ Slogan do regime Salazarista; "Tempos, Narrativas e Ficções: A Invenção de Si" - Elizeu Clementino de Souza; Publicado por EDIPUCRS. p.176

¹²⁷ Citado em "Ideologia política do estado salazarista"- Jorge Campinos - Publicado por Portugália Editora, 1975. p. 22

¹²⁸ ANTUNES, António Lobo. "Olá". In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 83

população analfabeta *o Estado Novo jamais concedeu prioridade a uma política de educação às massas.(...) O governo preocupou-se bem mais com a construção de edifícios, vinculados a uma rigorosa separação dos sexos, do que com a difusão da instrução em larga escala.*¹²⁹ Além disso, a censura não permitia que a revolução cultural que acontecia na Europa chegasse às terras lusitanas, o que fazia com que Lobo Antunes, em sua condição de intelectual e de artista, sentisse sua *orfanidade à portuguesa*. Observaremos também que o autor apresenta problemas em relação a Deus e à família, o que culmina no fracasso dos três pilares estabelecidos pelo Estado Novo.

Não pretendemos colocar o conceito e a importância de Deus, pátria e família em xeque, já que são valores indiscutivelmente relevantes no âmbito de uma sociedade. Contudo, baseado nas crônicas, apresentaremos os problemas que essas instituições apresentavam na realidade ditatorial portuguesa.

Salazar também enfatizava em seus discursos a importância do trabalho. *Ensinaí aos vossos filhos o trabalho, ensinaí às vossas filhas a modéstia, ensinaí a todos a virtude da economia*¹³⁰. Por outro lado, Oliveira Marques também afirma que o Estado Novo se esforça no sentido de ter *os interesses de patrões e empregados harmoniza(dos) com vista a um interesse comum nacional*¹³¹. Unindo a declaração de Salazar com a de Oliveira Marques, temos a chave para perceber que o trabalho mais se aproximava de uma necessidade imposta pelo Estado do que de uma realização pessoal de cada sujeito. Lobo Antunes destaca essa problemática em algumas de suas crônicas. A ênfase não parte de uma crítica ao trabalho em si, esse não é o foco do autor. Entretanto, temos algumas crônicas que abordam o dia de folga, a vida pessoal do sujeito quando não está no trabalho. No momento destinado ao lazer, ou seja, o momento que foge do cotidiano regado, a vida se esvazia e o personagem é tomado pelo tédio. Na crônica *Teoria e prática dos domingos* temos um personagem deslocado aos domingos:

¹²⁹ MARQUES, A.H. de Oliveira. “Das revoluções liberais aos nossos dias”. In: *História de Portugal* volume III. Palas Editores, Lisboa, 1986. p.494

¹³⁰ Citado em "Salazar: estudo biográfico - de Franco Nogueira - Publicado por Atlântida Editora, 1977, p. 285

¹³¹ MARQUES, A.H. de Oliveira. “Das revoluções liberais aos nossos dias”. In: *História de Portugal* volume III. Palas Editores, Lisboa, 1986. p.494

Porque são os domingos tão compridos Filomena? por que motivo é sempre a mesma hora no relógio, por que razão me apetece tanto outra coisa que nem sei o que é em vez de ficar com você? Eu que gosto de ti, palavra, devia sentir-me bem e não me sinto, não é mal-estar, não é angústia, é uma sensação vaga, um desconforto, uma inquietação que não entendo e todavia não me concebo sozinho, não me concebo sem ti, gosto da tua cara, do seu corpo, casei contigo por amor, porque são os domingos tão compridos Filomena?¹³²

Domingo é o dia em que a maioria das pessoas, no mundo todo, não trabalha, e que, portanto, é destinado ao lazer. Nesta crônica acontece uma inversão da expectativa que é esperada para o dia de folga do sujeito. Visto por esse personagem como o mais angustiante dia da semana, os domingos se alongam e causam no sujeito *desconforto, inquietação e mal-estar*. Essa crônica apresenta um mal-estar em relação ao indivíduo que é visto prioritariamente como mão de obra. Podemos entender que o incentivo ao trabalho é também destinado a tolir comportamentos que possam ser considerados inadequados de diversão, pois, como veremos adiante, quase todas as formas de entretenimento eram proibidas. A vida pessoal do sujeito literário, portanto, é enfraquecida comparativamente à vida profissional. No entanto, apesar de trabalharem muito e gastarem pouco *ensinai a todos a virtude da economia*¹³³ o povo português, na sua maioria, era pobre, orgulhosamente pobre. O próprio Salazar se gabava de sua origem humilde e costumava declarar: *Devo à providência a graça de ser pobre*¹³⁴. Contudo, como podemos ver na crônica *Pobrezinhos*, a pobreza não era para todos, existia em Portugal uma grande desigualdade social.

Na minha família os animais domésticos não eram cães nem gatos nem pássaros. Na minha família os animais domésticos eram os pobres. Cada uma das minhas tias tinha o seu pobre pessoal e intransmissível, que vinha à casa dos meus avós uma vez por semana, buscar com um sorriso agradecido a ração de roupa e comida.¹³⁵

¹³² ANTUNES, António Lobo. "Teoria e prática aos domingos". In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 140

¹³³ Citado em "Salazar: estudo biográfico - de Franco Nogueira - Publicado por Atlântida Editora, 1977, p. 285

¹³⁴ Citado em "Salazar e o seu tempo" - de César de Oliveira - Publicado por O Jornal, 1991 ISBN 9726920876, P. 98

¹³⁵ ANTUNES, António Lobo. "Pobrezinhos". In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 95

Esta crônica evidencia um tratamento assistencialista e segregador às pessoas de baixa renda. Identificamos nas crônicas uma tendência a demonstrar que essa política não é apenas governamental, trata-se de uma postura que tem raízes na Igreja que, de certa forma, incentiva e aprofunda as desigualdades. Salazar afirma que *Portugal nasceu à sombra da Igreja e a religião católica foi desde o começo o elemento formativo da alma da nação e o traço dominante do carácter do povo português*¹³⁶. Sendo assim, esta sociedade beata, acostumada a seguir os dogmas religiosos, aceitava os preceitos políticos da “virtude da economia” bem como o discurso católico de desapego ao dinheiro e aos bens materiais. Essa contradição entre ricos e pobres, vista pelo viés religioso está representada na crônica *A existência de Deus*.

Uma das primeiras coisas que me explicaram foi que Deus amava os pobres os quais em morrendo seguiam direitinhos em flecha para o céu, o que não impedia que em vida não lhes ligasse grandemente; os pobres ajoelhavam-se nas lajes ou, com sorte, em bancos corridos de pau que magoavam os ossos, ao passo que os ricos, condenados a seguir ao último suspiro a um estágio de queimaduras do segundo grau no barbecue do Purgatório, tinham cadeiras almofadadas. (...) Nunca entendi muito bem esta segregação social do chefe da repartição de Deus.¹³⁷

Por mais que carregue um tom de ironia, a crônica evidencia uma segregação social que era amenizada pelo discurso manipulador da Igreja em Portugal. Esse personagem sente o desconforto de se deparar com o paradoxo entre a teoria do discurso católico e a prática do cotidiano na Igreja.

Cabe aqui abrir um parêntese para revelar a declaração que António Lobo Antunes fez na entrega do Prêmio FIL de Literatura de 2008. No discurso de agradecimento ao prêmio, o autor fala sobre os maiores mestres que já teve. Diz que foram muitos, mas principalmente três: o primeiro seria um esquizofrênico internado no hospital psiquiátrico onde Lobo Antunes trabalhava, que lhe ensinou que o mundo foi feito por detrás. O segundo não foi uma pessoa, mas uma observação em guerra do “tempo” africano que, segundo o autor, não tem passado

¹³⁶ Salazar: discursos, notas relatórios, teses, artigos e entrevistas, 1909-1955 : antologia - de António de Oliveira Salazar - Publicado por Editorial Vanguarda, 1955. P. 212;

¹³⁷ ANTUNES, António Lobo. “A existência de Deus”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 100

nem futuro, só um imenso presente que engloba os dois, e a terceira, uma paciente que estava com câncer em um estágio já muito avançado. Lobo Antunes perguntou a ela: Mas por que não veio antes ao hospital? Ela respondeu “porque não tenho dinheiro” e completou “quem não tem dinheiro não tem alma”. O autor, comovido, faz uma pausa para continuar o discurso. E afirma categoricamente: “E é verdade. No país de onde venho, Portugal, que não sei se é um país real ou inventado, quem não tem dinheiro não tem alma”. Lobo Antunes confessa que nunca vai esquecer a frase dessa mulher que o emocionou até as lágrimas.¹³⁸ O autor revela, ainda nesse discurso, um esforço no sentido de dar voz a essas pessoas socialmente abandonadas. Entendemos que nas crônicas em que o autor aborda a temática da pobreza, ainda que de forma irônica, ele dá voz a essas pessoas que se mantêm silenciadas. Pois vimos na obra do autor um empenho em retratar todas as classes sociais.

Na crônica *Isto*, temos mais uma evidência da aproximação que Lobo Antunes faz da mistura social entre a Igreja e o poder. Nessa crônica o autor chega a comparar, ironicamente, mas não metaforicamente, Deus a Salazar.

Julgo que não havia grande diferença entre Salazar e o Senhor: Ambos eram conservadores, austeros, inimigos da alegria e invisíveis, e o fato de terem nascidos pobres, em Santa Comba Dão ou em palhas de presépio, permitia à minha família olhá-los um pouco de cima para baixo (...) Nem Salazar nem Deus passavam no fundo de provincianos que as circunstâncias, mais do que o mérito, tornaram ilustres.¹³⁹

O tom irônico encontrado na crônica *Isto* se repete nas crônicas *Sonetos a Cristo* e *O Paraíso*. O recurso da ironia é parte integrante da obra de Lobo Antunes, e em relação às crônicas que abordam a religião, esse é um recurso comum a todas elas. Sabemos que a ironia muitas vezes é utilizada para fazer críticas. De tal modo, usando o humor como veículo, é possível expressar aquilo que se pretende realmente pronunciar. Na crônica *O Paraíso*, por exemplo, o personagem reflete sobre as desvantagens de seguir o comportamento ditado pela Igreja que, por ser conservadora e manipuladora, torna-se contrária aos desejos do

¹³⁸ Gravação do discurso agradecimento de António Lobo Antunes na entrega do prêmio FIL de Literatura em 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=lcm3dq7DCY>

¹³⁹ ANTUNES, António Lobo. “Isto”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 126

personagem: *E assim hoje, entre o céu e o inferno, hesito na escolha. Começo a suspeitar que a solução é não cair na asneira de morrer.*¹⁴⁰ A ironia evidente tem a função de desconstruir, mas ao mesmo tempo lança o impasse de um sujeito sem saída. A dúvida entre padecer na terra ou padecer no inferno é relevante no contexto desta sociedade beata.

O povo português, culturalmente, acreditava que coube a Portugal a missão divina de propagar a fé. A religiosidade portuguesa culminou no que Eduardo Lourenço denominou de complexo de superioridade e de inferioridade no célebre livro *Labirinto da Saudade*. Se por um lado os portugueses são superiores porque a *mão de Deus* está sobre eles, por outro, eles não levam os méritos de seus próprios feitos, já que foram auxiliados pelo poder divino.¹⁴¹

A desigualdade e a pobreza que o fascismo gerava, e que a Igreja Católica incentivava, não são ainda os únicos alvos de críticas dos intelectuais. Fernando Rosas fez uma declaração em que afirma que “a igreja pecou por omissão”¹⁴², referindo-se ao consentimento das torturas realizadas pelo regime. Ele afirma que a Igreja tinha conhecimento das torturas realizadas pela PIDE e, ainda assim, apoiava o regime Salazarista. Dessa forma, ela compactua, de certa forma, por omissão, com a violência pidesca. Afirmamos a responsabilidade da Igreja principalmente por dois motivos. Primeiro pelo poder que a religião é capaz de exercer sobre seus fiéis, indicando as diretrizes a serem seguidas por estes. Depois pelo próprio discurso católico de igualdade de todos perante Deus. A Igreja, portanto, desrespeita esses dois princípios. Dessa forma, mais uma vez, a ela opta pelo poder e segrega e pacifica o povo para estarem de acordo com o regime ditatorial e desumano estabelecido em Portugal. No ensaio “Técnica do golpe de censura”, José Cardoso Pires confirma que a Igreja ocupava postos em todas as áreas do governo de Salazar com o objetivo de contribuir para a lavagem cerebral em massa:

¹⁴⁰ ANTUNES, António Lobo. “O Paraíso”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 33

¹⁴¹ LOURENÇO, Eduardo. “Psicanálise mítica do destino português”. In: *Labirinto da saudade*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1992. 5 edição. P.19

¹⁴² Declaração de Fernando Rosas “A oposição católica ao Estado Novo” acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aKYiZpAtyh4>

As duas legendas, <*O poder a César*> e <*Deus, Pátria e Família*> - a bíblia e o ideário salazarista – confundiam-se na oratória de muitos <confessores espirituais> que tinham sido destacados para a acção social junto dos trabalhadores.

Quer na empresa, quer na censura, na rádio e na televisão, o clero ocupava postos de influência na mentalização das massas. A par da acção directamente comprometida com o aparelho repressivo do Estado, a pressão censural da Igreja manifestava-se na consagração religiosa da ordem política, através, sobretudo, da divinização do Chefe e da Ordem estabelecida.¹⁴³

Percebemos nesse depoimento que o clero não se limitava a exercer o seu poder dentro da Igreja, mas ocupavam também *postos de influência na mentalização das massas*, sempre de modo a compactuar com o sistema repressor da ditadura. José Cardoso Pires nos lembra também que *uma inquisição nunca se faz isolada, tem mil olhos e mil ouvidos, e mil caminhos para o silêncio*.¹⁴⁴ Dessa forma, entendemos que ele culpabiliza a sociedade por compactuar com o absurdo, ainda que por silenciamento.

Notamos também que existe nas crónicas relacionadas à religiosidade um alerta para a hipocrisia social perante os valores cristãos. A crónica *Os Sonetos a Cristo* retoma as primeiras atividades literárias “remuneradas” de Lobo Antunes. Trata-se de sonetos sobre a vida de Jesus que o autor escrevia na infância e vendia à avó.

Os Sonetos a Cristo salvaram-me da miséria. (...) Elaborados à média de um por semana tratavam da breve existência terrena do Filho de Deus. (...) Composta a tragédia passava-a a limpo em papel de carta cor-de-rosa com pombinhos no canto, enfiava-a no bolso, tocava à campainha da minha avó com um ar pesaroso de catástrofe iminente e quando ela, (...) convencida que o neto preparava uma carreira de arcebispo, abria o cofre que não sei porque andava sempre junto dos santinhos e premiava-me a devoção com o equivalente a uma lateral no Estádio da Luz e a um bagaço clandestino na Adega dos Ossos bebido virilmente entre engasgos e espirros.¹⁴⁵

¹⁴³ PIRES, José Cardoso. In: “Visita à oficina o texto e o pre-texto”. *II técnica do golpe de censura*. Obs: citação.p.81

¹⁴⁴ PIRES, José Cardoso. In: “Visita à oficina o texto e o pre-texto”. *II técnica do golpe de censura*. P.181

¹⁴⁵ ANTUNES, António Lobo. “Os sonetos a cristo”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 47

Lobo Antunes já falou sobre esses sonetos em diversas entrevistas, inclusive na FLIP de 2009, onde eu estava presente. Percebemos que o *ar pesaroso de tragédia iminente* e o *papel de carta cor-de-rosa com pombinhos no canto* são peças fundamentais para compor o “teatro” que ele pretendia realizar para convencer a avó a lhe dar dinheiro. Dinheiro este que é gasto com jogo e bebida. Claro está que tanto um quanto outro, são incompatíveis com os preceitos religiosos, e, portanto, destoantes do conteúdo dos sonetos que o autor escrevia. A Igreja retratada nas crônicas aparece sempre com valores artificiais, ou seja, para cumpri-los, é necessário se inclinar para direção contrária aos desejos, à felicidade e ao bom senso. Na crônica *Sobre Deus*, o personagem chega a se referir a Deus como *vagabundo: Apresento-lhe Deus, senhora Ângela. O vagabundo a erguer-se da nuvem num assomo de delicadeza inesperada, a estender uma palma imensa de unhas duvidosas.*¹⁴⁶ E estranha o fato daquela *criatura esquisita se gabar de ter morto próprio filho.*¹⁴⁷

O lado suburbano de Deus desagradava-me e o seu retrato, no livrinho do catecismo, ampliava o desagrado: um senhor hirsuto, empoleirado numa nuvem e segurando relâmpagos nas mãos como eletricitas, ao qual ninguém, com um bocadinho de senso, abriria a porta se o encontrasse no capacho.¹⁴⁸

Percebemos nas crônicas que retratam a Igreja que os personagens sentem dificuldade em compreender a própria mitologia católica, bem como as atitudes paradoxais devido, sobretudo, às contradições que elas apresentam entre a teoria e a prática.

Como já colocamos, o projeto de escrita de António Lobo Antunes pretende registrar uma sociedade mais compatível com a realidade, segundo o ponto de vista do autor. Lobo Antunes sugere que o leitor possa se reconhecer nos sentimentos dos personagens como em um espelho. Trabalhando com as questões relativas à Igreja Católica, entendemos que Lobo Antunes a inclui em sua concepção política como um mal social que segrega as pessoas, contribui para a

¹⁴⁶ ANTUNES, António Lobo. “Sobre Deus”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 92

¹⁴⁷ *Ibidem*

¹⁴⁸ ANTUNES, António Lobo. “Sobre Deus”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 92

desigualdade social, protege os ricos e acomoda os pobres. O autor demonstra ainda indignação com as contradições entre discurso e método cometidos pelo clero português.

Vimos nas crônicas escolhidas que Lobo Antunes faz um acerto de contas com um saldo bastante negativo da Igreja. Entendemos que, em uma sociedade católica, que tem a Igreja como pilar de condução tanto do povo como do governo, o clero agiu maleficamente e contribuiu de forma maligna para a formação da sociedade.

2.2

Para além de Portugal: Sentimentos universais

Quando o coração se fecha faz mais barulho que uma porta.¹⁴⁹

(António Lobo Antunes)

No nosso sangue existem mais ausências do que glóbulos.¹⁵⁰

(António Lobo Antunes)

Na época moderna a fé cega na religião e suas doutrinas, não dão mais o alento capaz de apaziguar o caos das relações humanas. Dessa forma, o homem não pode mais se entregar a raciocínios simplistas, ao perceber que nem tudo é manipulável e não existem ideologias a serem seguidas, o ser humano começa a questionar suas identidades e possibilidades. A sociedade dos grandes centros urbanos muda rápida e permanentemente e os laços afetivos seguem a mesma tendência, tornam-se efêmeros, e o individualismo faz com que as pessoas, cada vez mais, vivam em um mundo próprio, compartilhando apenas a solidão. As crônicas de Lobo Antunes seguem esta tendência, apresentando personagens que se voltam para dentro, sem a perspectiva de uma vida afetiva satisfatória. Em

¹⁴⁹ ANTUNES, António Lobo. “Sombras de reis barbudos”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 117

¹⁵⁰ ANTUNES, António Lobo. “Uma festa no teu cabelo”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 225

entrevista a Mário Ventura, no *Diário de Notícias*, sobre a questão das temáticas que enredam os três primeiros romances, António Lobo Antunes responde:

Nos três primeiros havia três temas que me interessava tratar. Era o tema da guerra de África, vivido por mim de uma maneira muito forte. Era o tema do hospital psiquiátrico como universo concentracionário (...). O terceiro tema era, não o amor, mas a incapacidade de amar, a solidão. No fundo, eram estes três temas que me interessavam. (*apud* SEIXO, 2002: 500).

A *incapacidade de amar* e a *solidão* de que o autor fala no trecho de entrevista acima são os principais temas deste capítulo. Dentro desta problemática pretendemos analisar as manifestações de afeto que perpassam as relações no casamento, no divórcio, na infância e na morte. Na maioria das vezes, constatamos a falta de diálogo e da demonstração de amor entre os personagens, isso gera uma enorme solidão que se manifesta de diversas formas. Existe a solidão compartilhada, por exemplo, em uma família em que as pessoas não se compreendem. Há também os que vivem realmente solitários. Para estes, os objetos, muitas vezes, fazem-lhes companhia, o que acaba por igualar as coisas às pessoas.

O sociólogo Zygmunt Bauman discute a fragilidade dos laços humanos na sociedade pós-moderna em seu livro *Amor líquido*. Nele, bauman aborda, sobretudo, as mudanças rápidas e imprevisíveis da sociedade que interferem na capacidade do sujeito de amar o outro, e, conseqüentemente, de amar a si:

Em suma: para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor – a negação do status de objeto do amor – alimenta a auto-aversão. O amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer cópias, embora fraudulentas, desse amor. Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmos.¹⁵¹

Bauman nos alerta para a necessidade de ser amado para que surja, a partir desse amor recebido, o amor a si próprio. Podemos sugerir que a dicotomia “ser amado” e “amar” estabelece um ciclo de dependência que não permite o surgimento do amor em uma realidade esvaziada desse sentimento. Bauman ainda

¹⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. “Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos”. Rio de Janeiro :Editora Jorge Zahar, 2004. Tradução Carlos Alberto Medeiros. P.100

afirma que *não importa o que você aprendeu sobre amor e amar, sua sabedoria só pode vir um dia depois de sua chegada*.¹⁵² Ou seja, o amor obriga imperativamente à experiência empírica do mesmo. Não se trata de uma experiência passível de aprendizado teórico, seja ele qual for. Nesse sentido, é possível ler as angústias de alguns personagens das crônicas pelo viés da ausência de um ambiente afetivo propício a manifestação do afeto. A crônica *Espero por ti no meio das gaivotas* apresenta uma mulher que não desperta nenhum interesse do marido, essa moça é uma personagem decadente que “mendiga” carinho e se ilude, ainda que o marido não se empenhe em iludi-la.

Por que motivo apenas te aproximas de mim quando queres fazer amor? (...) jantas calado a rolar bolinhas de pão entre suspiros, desapareces antes que eu acabe de comer, nem uma palavra para minha saia nova, um beijo (...). Ainda tenho a certeza de sermos felizes para sempre, de podermos ser felizes se um dia me deixares, deixas não deixas, aposto que deixas, abraçar-te.¹⁵³

Nem um abraço, nem um beijo, nem um elogio. A melancolia dessa personagem traz a marca da teoria do Bauman: Não sendo amada, não pode se amar. As crônicas de Lobo Antunes nos revelam personagens bastante peculiares no que tange a afetividade, imersos em solidão infinita nos mostram uma identidade estilhaçada e uma aniquilação do diálogo no convívio íntimo. As relações interpessoais dos personagens se revelam, na maioria das vezes, pela marca do cotidiano. É durante o jantar, o tricot, a televisão, situações recorrentes do dia a dia que se revelam os diálogos e monólogos interiores que deixam transparecer as lembranças e a solidão. O sentimento de falta torna-se aflitivo e latente e apenas nas reminiscências da infância é possível encontrar um lugar de segurança afetiva. A crônica *Hoje apetece-me falar dos meus pais* revela as faltas e as perdas do sujeito literário em relação à infância:

Foi uma má idéia terem-me deixado sair de Benfica: faltam-me os bebês, falta-me o cheiro do tabaco de cachimbo, falta-me o livro da primeira classe, falta-me jantar de pijama a seguir ao banho, com franja molhada, falta-me a rapariga de vinte e tal anos que parecia dezoito. Quando o Junger afirmava Quanto mais

¹⁵² Idem. P. 23

¹⁵³ ANTUNES, António Lobo. “Espero por ti no meio das gaivotas”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 63

envelheço mais futuro eu tenho estava a ser uma besta. A verdade é que parte do meu futuro ficou atrás de mim.¹⁵⁴

A procura de um tempo e de um lugar onde é possível a felicidade não carrega a ingenuidade do paraíso perdido, antes a memória se estabelece como um contraponto à vida melancólica presente. É nesse sentido que a passagem da infância para a vida adulta se apresenta de forma mal resolvida pelos personagens: *se calhar é sempre noite quando a gente cresce*¹⁵⁵. A lembrança da infância é um tema recorrente no imaginário do escritor. A professora Maria Alzira Seixo faz uma análise sobre essa questão:

sobressai uma espécie de glorificação da infância, de modo subentendido mas eficaz, não porque esta etapa da vida seja encarada como o tempo da inocência e da felicidade, mas sobretudo porque é o estado com o qual o narrador principal se identifica como adulto. (...) Ser criança e encontrar-se na infância é um privilégio, aliás perdido, e, por essa mesma razão, procurado ansiosamente na memória. (...) É defesa (quase) intransigente de um sentir e de um olhar de estranhamento em relação à vida trivial dos adultos.¹⁵⁶

Seixo nos mostra que a rememoração da infância traça um percurso de oposição a vida banal que os adultos levam. Ao contrário do conceito de memória trabalhado nas crônicas referentes à guerra, como noção de testemunho, a memória aqui se apresenta como um espaço idealizado. Não interessa nas recordações da infância a procura pela verdade, elas servem, sobretudo, para se contrapor à vida presente sem sentido. Segundo Alexandre Montauray *a memória caracteriza-se, assim, por ser um local de refúgio, adquire um estatuto discursivo e passa a transfigurar o real*.¹⁵⁷

Na crônica *o acaso é o pseudônimo que deus utiliza quando não que assinar*, o personagem se encontra com ele mesmo, menino, no quintal da casa dos pais. Revela-se um recurso bastante cinematográfico: o encontro do velho com ele mesmo criança.

¹⁵⁴ ANTUNES, António Lobo. “Hoje apetece-me falar dos meus pais”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 63

¹⁵⁵ ANTUNES, António Lobo. “Antonio João Pedro Miguel Nuno Manuel”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, P. 270

¹⁵⁶ SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 41

¹⁵⁷ MONTAURY, Alexandre. “Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas estilhaçadas”. In: *Revista Semear* 7

Ao sair para a rua tive a impressão que fazia muito mais do que sair para a rua. Chamaram o meu nome. Ia jurar que chamaram o meu nome. António. Sem sombrancelhas franzidas. Só António. Quem seria? A trepadeira? A varanda? As plantas do canteiro? Voltei-me e dei comigo mesmo a observar-me. Adeus António, soprou ele. Já não me via há séculos. Respondi

-Adeus António

E desejei não mais encontrá-lo. Para quê?¹⁵⁸

Esta belíssima passagem traz a saudade de um tempo perdido que se corporifica no presente pela imagem da criança. Entretanto, os dois se despedem, aceitando a linha divisória imperativa do tempo. Essa procura por si mesmo também aparece em outras crônicas como em *António João Pedro Miguel Nuno Manuel* em que o personagem diz que *a infância atravessada é pior que uma espinha: a gente engole bolas de pão e não passa.*¹⁵⁹ Se em *o acaso é o pseudônimo que deus utiliza quando não quer assinar*, o personagem afirma que *já não (se) via há séculos* e que desejou não tornar a encontrar consigo mesmo, em *António João Pedro Miguel Nuno Manuel* ele confessa *como me procuro*, e lamenta *Realmente fui-me embora. Para sempre*¹⁶⁰ Esta crônica, supostamente autobiográfica, apresenta os nomes verdadeiros dos irmãos de António Lobo Antunes em ordem decrescente do mais velho ao mais novo. Sobre essa questão, Seixo nos revela que:

Ainda que algumas crônicas possuam claramente uma vertente autobiográfica, delas não se exclui uma parte de ficção que se entrecruzam pelo filtro nostálgico de incertezas e imaginação. De modo que o ficcional se mescla com autobiográfico e vice-versa.

Em *Antonio João Pedro Miguel Nuno Manuel* o autor se alarga nas descrições cotidianas de uma família de seis filhos. Nela o narrador afirma *toda vez que vou jantar na casa dos meus pais saio com a infância atravessada* diversas vezes durante o texto. Decorre ainda sobre as mudanças e semelhanças da infância ao tempo presente. Ele lembra, por exemplo, de como era cortar as unhas

¹⁵⁸ ANTUNES, António Lobo. “O acaso é o pseudônimo eu Deus utiliza quando não quer assinar”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 159

¹⁵⁹ ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.269

¹⁶⁰ ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.270

e como é hoje: *à séculos a minha mãe, com uma tesoura pequenina na mão, não me diz: -“ Mostra lá os dedos” para me cortar as unhas. Sou eu que as corto sozinho. E corto-as em silêncio, sem berrar como um vitelo, a minha mãe espantada -“Ainda nem comecei”*.¹⁶¹ Abordagem semelhante acontece em *Descrição da infância*. O narrador descreve a infância ao longo de mais de três páginas e por fim refere-se à mãe: *Pronto, voltem para cama i-me-di-a-ta-men-te. A gente voltava e logo a seguir tinha trinta anos (...). Ainda não sei nada da vida*.¹⁶² Segundo Maria Alzira Seixo:

Esta avaliação da relação entre a infância e a idade adulta inverte os termos comuns, segundo os quais a criança, por norma, nada sabe da vida, e é o adulto que a conhece, e sabe. Uma vez que ser adulto aqui não tem nada a ver com esse conhecimento.¹⁶³

Contudo, a crônica que demonstra a procura desesperada pela infância de forma mais arrebatadora é *Uma carta para campo Ourique*. Essa crônica conta a história de um personagem que pega três ônibus e anda um bocado, todos os domingos, para visitar um supermercado que fora um dia a casa em que viveu na infância. Trata-se de uma carta que o personagem escreve à Ana. Ele afirma “tão estranho não ter casa, Ana” mas se ilude: “eu continuo a supor que a casa existe” e conta sua angústia:

caminho por ruazinhas de flocos de aveia, caramelos, iogurtes, do mesmo modo que caminhava dantes sem peso pelos compartimentos da casa, através das ilhas de luz que à hora da sesta semeava nos tapetes. (...) para chegar a campo Ourique necessito de tomar três autocarros diferentes, deixando-me o último bastante longe da vivenda junto do cemitério e dos seus gladiolos tão brancos. Mas todos os domingos venho aqui. Preciso de voltar a casa mesmo que não exista a casa, mesmo que tenha de empurrar um carrinho pelos ladrilhos do minimercado e de comprar o orégano, a salva que não preciso para que os empregados não entendam quem sou, para que não escutem o leve, teimoso, persistente, suave rumor do passado que me persegue e me acompanha.¹⁶⁴

¹⁶¹ ANTUNES, António Lobo. “António João Pedro Miguel Nuno Manuel”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 269

¹⁶² ANTUNES, António Lobo. “Descrição da infância”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.396

¹⁶³ SEIXO, Maria Alzira. Livro de crónicas. In: Dicionário da obra de António Lobo Antunes. P. 45

¹⁶⁴ ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para campo Ourique”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.91

Nesse caso observamos que só o fato de estar no lugar onde era sua casa na infância, ainda que seja hoje um supermercado, já o conforta. O importante aqui são as lembranças passadas que preenchem um espaço vazio de uma afetividade que não é compartilhada no presente. O passado o persegue. Ele o julga tão real, tão presente que acha até mesmo ser possível que o seu rumor seja ouvido pelos empregados do mercado. No fim da crônica o personagem dá a entender que essa carta nunca chegará às mãos de Ana *a fim de terminar esta carta, a colocar no envelope, e permanecer a olhar a parede séculos a fio*. E, por fim, confessa que quis dizer que gostava da Ana e não foi capaz. Essa incapacidade de falar, sobretudo para expressar afeto aparece também de forma latente na crônica *O fim do mundo*¹⁶⁵.

Isto pode ter acabado mas não sou tão parvo que vá chorar a sua frente. Pelo contrário: apareço-te com um sorriso como se não fosse nada (...) Farto de saber que o que querias ouvir era

-Eu caso-me contigo esquece o Carlos

E as palavras não saem, tu à espera e as palavras não saem, tu a garantires-me em silêncio

-Se ficares quero lá saber do Carlos

e tudo que sou capaz, que idiotice, é elogiar-te o coelho em lugar de elogiar a ti, te pegar na mão, te jurar

-Amo-te

e sento-me no quintal das traseiras até ser noite e sem chorar, claro, não sou tão parvo que comece a chorar, que mariquice chorar, eu não choro, não penses que choro, não choro, sento-me no quintal das traseiras até ser noite e dar milho às galinhas, a dar milho às galinhas, a dar milho às galinha¹⁶⁶

A incapacidade de comunicação expressa nessa crônica chega ao limite do absurdo. O personagem que é noivo há anos está prestes a ser abandonado por sua noiva. Ela vai casar-se com outro homem porque este (o personagem da crônica) nunca disse que a amava. Ainda assim, ele não é capaz de dizê-lo. A professora Maria Alzira Seixo trabalha essa questão afirmando que:

¹⁶⁵ ANTUNES, António Lobo. “O fim do mundo”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.135

¹⁶⁶ ¹⁶⁶ ANTUNES, António Lobo. “O fim do mundo”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.135

nas passagens das crónicas em que não surge o grotesco da caricatura, é a perda (e a subsequente procura desesperada de uma âncora) que ocupa o lugar central do discurso que diz o desejo de afecto, num universo que, tal como nos seus romances, é marcado pelo desencontro, assim como pela incapacidade de comunicação de figuras e personagens.

Retomando a questão da infância cabe apresentar a crónica *No fundo do sentimento uma janela aberta*¹⁶⁷. Ela trata do conforto que as lembranças singelas da infância traziam ao narrador durante a guerra em Angola:

Nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para doer mais, (...), chamava o soldadito para trás do paiol , (...) pedialhe

- Os jornais pá

E na meia hora seguinte ficávamos ambos em paz, porque há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada

Lá estava a casa dos meus pais, o limoeiro, o poço, os degraus de pedra, a sombra da acácia, o retrato da minha mãe em nova de colar de pérolas, esses grãos que encerram no fundo do mar no seu sorriso pálido (...) estendia-me numa cadeira de tábuas de barrica e não havia guerra, não havia feridos, não havia tiros, havia um menino do coro, de caldeirinha de água benta a descer para a Sé, feliz, entre anjinhos de asas bafientas e velhotas em lágrimas¹⁶⁸

A capacidade que as lembranças têm de amenizar a realidade cruel de tiros, feridos e mortes demonstra o *local de refúgio* e a *capacidade transfiguradora da memória* a que Montaury se refere. É interessante notar que as lembranças trazem paz e que o autor afirma que, quando criança, se era feliz. Não cabe questionar se essa felicidade era real no tempo pretérito, é claro que, geralmente, as lembranças vêm embaladas apenas por aspectos positivos e o tempo é um elemento modificador da realidade *Engraçado como, com o tempo, chego a pensar que fui feliz na guerra. Reflectindo melhor, sofria-se lá como um cão, mas os anos adoçam tudo.*¹⁶⁹ O importante desta análise é que essa felicidade que o autor ressalta na infância não é apresentada, arrisco dizer, em nenhuma

¹⁶⁷ ANTUNES, António Lobo. “No fundo do sentimento uma janela aberta”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.325

¹⁶⁸ ANTUNES, António Lobo. “No fundo do sentimento uma janela aberta”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.327

¹⁶⁹ ANTUNES, António Lobo. “Lembras-te de amanhã?”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 218

crônica em que se refere a personagens adultos. A eles cabe a falta, a solidão, o desespero, a incapacidade de amar. Maria Alzira Seixo nos diz que *A crônica, acima de tudo, é a ocasião para instaurar um discurso propenso a tematizar a singularidade de um universo psicológico – universo arquitetado em torno de uma confluência de impressões, memórias, recalamentos, indagações, angústias, etc.*¹⁷⁰

Entretanto, apesar da felicidade estar ausente da imagem social retratada por Lobo Antunes, ele apresenta, em muitas crônicas, a ilusão da felicidade. A crônica *Feriado*, por exemplo, nos apresenta Luísa, uma mulher casada que supostamente é traída pelo marido com a estagiária: *quem cheira como eu é a estagiária mais nova do escritório. (...) Nas festas da empresa, a estagiária mais nova usa vestidos do gênero dos meus e um anel parecido com o que recebi nos anos.*¹⁷¹ O marido de Luísa não a percebe, está sempre às voltas com o jornal *Perguntei ao meu marido o que ele achava: mirou-me um segundo e virou outra página do jornal.* A submissão de Luísa causa nela uma raiva contida que chega ao ponto de querer assassinar o sogro, que não é responsável, nem direta nem indiretamente, pelas suas frustrações. Observemos o trecho:

Devemos ser felizes, não: somos felizes: não discutimos, o meu filho, até agora, não se suicidou no jipe, a minha sogra jura que me adora, o meu sogro pôs a quinta em nosso nome. Tem uma capela com um sino. Puxa-se uma corda e o sino desata a balir. O meu sogro adora aquele sino: sempre que lá vamos chama-me

-Olhe Luísa

e agarra-se à corda numa chinfrineira que me dá vontade de esganá-lo. Não esganá-lo de repente: pedir

-Olhe, paizinho

e atirar-lhe as mãos no pescoço, apertando devagar, até o velho largar a corda de vez, roxo e de língua de fora. Podemos utilizar a capela para a missa de corpo presente. Dormem todos cá e a seguir ao enterro fazemos um piquenique em Santarém. Aposto que a estagiária mais nova traz uma pulseira igual à minha.¹⁷²

¹⁷⁰ SEIXO, Maria Alzira. “Dicionário da obra de António Lobo Antunes. p.61

¹⁷¹ ANTUNES, António Lobo. “Feriado”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.170/171

¹⁷² ANTUNES, António Lobo. “Feriado”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.170/171

O fim da crônica, entretanto, nos dá a entender que as traições do marido são cíclicas, de tempos em tempos. Com a transferência da estagiária para outra filial, o marido que estava *sempre com sono à noite* passa a procurar Luísa *chegas aqui Luísa, amo-te Luísa, excitas-me tanto Luísa*. Nesta fase, Luísa perde a vontade de estrangular o sogro e chega até a gostar do sino que tanto a irritava. Isto demonstra que o ódio silenciado por causa das traições do marido, que chegam ao cúmulo, manifestado pela vontade de matar alguém, se ameniza à mínima atenção e afeto que recebe dele. A paz, entretanto, não perdura. Ao fim da crônica *o meu marido indiferente, lá longe, tão longe que não consigo alcançá-lo, vira a página do jornal*.

Essa aceitação da vida sem discussão, sem brigas, e, no entanto infeliz, é comum a todas as crônicas que retratam o casamento. É comum também que nessas crônicas os personagens se considerem felizes, tal como Luísa. O recurso de mostrar a infelicidade ao mesmo tempo que se afirma que se é feliz corrobora a ilusão e os valores sociais que se sobrepõe aos desejos íntimos. Ou seja, apesar de os personagens não se sentirem realizados, eles admitem que, por exemplo, ter um apartamento, ter filhos, ser casada, são motivos suficientes para serem felizes.

Em *À propósito de ti* a frase “somos felizes” é repetida sete vezes em uma página e meia de texto. O recurso enfático é utilizado com orações simples, curtas, dentre enumerações de ações cotidianas banais, como que para se convencer da veracidade da afirmação.

Somos felizes. Acabamos de pagar a casa em outubro, fechámos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando, lembrás-te sempre da hora daquela série policial que eu gosto tanto, com o preto cheio de anéis a dar cabo dos italianos da Máfia¹⁷³.

Podemos constatar aqui que a felicidade está mais relacionada com o poder aquisitivo do personagem bem como com a ausência de conflitos entre o casal. Todavia, o próprio texto nos leva a entender que isso não basta. Lobo Antunes faz questão de mostrar as lacunas, as ausências, a falta de entusiasmo. O

¹⁷³ANTUNES, António Lobo. “A propósito de ti”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.181

texto nos mostra que somente a felicidade é capaz de curar estes sintomas. Esses personagens, entretanto, não buscam sentido para a vida vazia que levam, nem tampouco procuram a felicidade que para eles não existe, como podemos observar na crônica *Nós dois aqui a ouvir cair a chuva*:

Casamos há trinta e sete anos e nunca discutimos. Para quê? E depois existem momentos assim, a seguir ao jantar, em que principia chover e nós aqui dentro, em paz, quase felizes. E escrevo quase felizes porque para escrever felizes seria preciso que a chuva fosse tão forte que arrancasse o prédio do lugar e o arrastasse consigo em direção ao Tejo, o que, é evidente, não acontecerá nunca.¹⁷⁴

Ressalta-se que para este casal a felicidade é impossível, como ficção de conto de fadas que *não acontecerá nunca*. Não obstante, se Lobo Antunes reserva para o casamento o tédio e a falta de perspectiva, nas crônicas em que aparecem personagens divorciados a situação é ainda pior. A crônica *A solidão das mulheres divorciadas*¹⁷⁵ restringe a mulher à televisão e à solidão. Além disso, a personagem passa toda a história esperando uma oportunidade para se suicidar.

Ver televisão quer dizer regar as plantas da marquise, ler o horóscopo nas revistas, desfazer o tricot do domingo anterior, mudar de canal de vinte em vinte segundos e pensar em matar-me. O problema é que assim que me levanto para tomar os lexotans todos de uma vez a minha mãe telefona a saber como estou (...) e como não é possível a gente suicidar-se e conversar com a mãe ao mesmo tempo, desisto das pastilhas e garanto-lhe que estou ótima¹⁷⁶

Outras crônicas, como *As coisas da vida*, também apresentam personagens com ganas de se suicidar após o divórcio. Vejamos:

Verificamos sem surpresa que dizer o teu nome já não dói, que não nos recordamos bem da tua cara, que deixaste definitivamente de existir. Portanto não te preocupes comigo: Isto passa. Passa a vontade de morrer, passa o desejo de escrever Teresa no pó dos móveis. (...)

Não te preocupes comigo: compreendo que te vais embora, não armo escândalos, não te peço que fiques, juro que não me zango se esse amigo de que me estás a falar e que não sei quem é vier ajudar-te a levar a tua roupa, a levar os teus livros. (...) Não julguem que vou desfazer-me em lágrimas ou que me suicido. Não vou. Asseguro-te que não vou. Em todo caso, pelo sim e pelo não, deixa ficar os

¹⁷⁴ ANTUNES, António Lobo. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.25

¹⁷⁵ ANTUNES, António Lobo. “A solidão da mulheres divorciadas”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.147

¹⁷⁶ *Ibidem*.

lenços de papel e a embalagem de vailium. A gente precisa de qualquer coisa que faça companhia não é, e a idéia de me atirar pela janela me repugna.¹⁷⁷

A completa falta de perspectiva dos personagens divorciados chega ao auge - a vontade de morrer. Percebemos também que existe um empenho dos personagens em demonstrar aos outros que tudo vai bem, como ocorreu em *A solidão das mulheres divorciadas* e em *As coisas da vida*. O mesmo ocorre em *Sábado à noite é a noite mais triste da semana*. Esta crônica, porém, no apresenta um diferencial em relação às outras duas por apresentar uma personagem que se esforça no sentido de superar a separação se divertindo:

Graças a Deus tenho imensos amigos que desde a separação se preocupam comigo, me telefonam (...) me tocam a porta se me julgam sozinha, me enchem a sala de risos e fumo de modo que depois, ao saírem, me basta despejar os cinzeiros, levar os copos para a cozinha, abrir a janela derivado o cheiro do tabaco, endireitar os tapetes, apagar a luz, e ficar na poltrona a olhar os prédios fronteiros, de joelho contra a boca (...) agrada-me este bairro com tudo pertíssimo, supermercado, lojas, correio, tudo pertíssimo excepto meu marido, não é que me faça falta, não é que precise dele, estou satisfeita assim, despejo os cinzeiros, levo os copos para cozinha, abro a janela derivado ao cheiro do tabaco, meto os joelhos a boca e fico à espera que o amigo de um amigo, que o telefone, que a porta, com ganas de farejar os pneus dos carros e me sumir numa esquina.¹⁷⁸

Vimos que a energia empenhada para retomar a vida após o divórcio, saindo à noite, recebendo amigos, acaba por ser uma tentativa frustrada. Essa personagem não se sente realizada com a ausência do marido, ainda que reconheça a sorte de ter amigos que se dispõe a ajudá-la. No entanto, no fim, ela tem *ganas de farejar os pneus dos carro e (s)e sumir numa esquina*.

Ainda em relação ao divórcio, é importante apresentar a crônica *As palavras cruzadas no jornal* que apresenta a mulher sem vida própria, submissa. Além da falta de carinho e respeito do marido com a esposa. Estas questões se mostram relevantes para o autor em suas crônicas.

¹⁷⁷ ANTUNES, António Lobo. “As coisas da vida”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.265

¹⁷⁸ ANTUNES, António Lobo. “Sábado à noite é a noite mais triste da semana”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.269/270/271

À noite a solidão é um bocado difícil. Claro que posso ler, posso ouvir música, posso alugar um filme no clube de vídeo, posso telefonar à Esmeralda, posso fazer um hora de crochet antes de me deitar, mas falta-me o Renato aqui em casa, o Renato na poltrona que se sentava sempre, o Renato a resolver palavras cruzadas do jornal ou a olhar para o tecto porque nunca foi de falar muito (...)

tirava a caneta do casaco, punha os óculos e começava a solucionar as palavras cruzadas enquanto eu ia para a cozinha aquecer o jantar. Assim que acabava o jantar chamava-o

- Mesa querido

-No dia em que houver um jantar em condições nesta casa deito foguetes (...) No caso de pensares que é agradável morar com uma mulher que nunca tira o avental e que nunca se arranja para mim enganas-te

eu no quarto a maquilhar-me, a mudar de vestido, a pôr saltos altos, a passar a escova no cabelo, a parar no umbral para o Renato ver-me

-Essa saia é horrível já te expliquei mais de quinhentas vezes que essa saia é horrível

eu a começar a chorar, a esconder a cara com a mão e o Renato a levantar-se, a procurar as chaves do carro

-Mulheres neuróticas em lágrimas por tudo e por nada não aturo. (...) Não precisas de um marido precisas de um psiquiatra Cristina.

A solidão a que a personagem alude no princípio da crônica se refere ao que chamamos de solidão compartilhada, estando casada, não se sente amparada afetivamente pelo marido. Entretanto, como dissemos, Lobo Antunes também retrata a vida daqueles que estão literalmente sós. Em relação a este aspecto, é interessante observar o espaço que o autor reserva nos textos para retratar objetos inúteis. Muitas crônicas ressaltam quinquilharias que para nada servem e que recebem, por vezes, descrições de destaque nas crônicas. Os personagens antunianos que exprimem solidão, faltas, aniquilação do diálogo, muitas vezes utilizam objetos para lhes fazer companhia e para substituir a falta de alguém. Vejamos essa relação em *Sugestões para o lar*:

Os domingos cinzentos desbotam para dentro de nós: a luz do candeeiro doente, sons em bicos de pés numa cerimônia de velório. A alma molhada e cabisbaixa como um cão. (...) Lembrança de bules chineses, de velhos açucareiros de prata no armário com portinhas de vidro. (...) Em cada prega da cortina uma testa espantada. Almofadas de cetim. Receitas de cozinha que se colaram em cadernos. (...) Não fazia grande diferença morrer porque nos tornamos sonetos de almanaque, folhas secas em álbuns.

A água do solitário que a flor oxida, uma mala de viagem esquecida sob a cama: rótulos de hotéis franceses, um jogo de escovas presas com elásticos. Problemas de palavras cruzadas resolvidos a lápis

A tábua de passar aberta na marquise, com um cesto de roupas em cima. Molas de plástico na corda de secar. As cadeiras austríacas em torno da mesa, à espera (...)

Tornei-me um soneto de almanaque, uma folha seca num álbum, a água do solitário enferrujada. Não fazia grande diferença morrer. Não fazia. Não fazia?¹⁷⁹

O excesso de objetos aparentemente sem sentido no texto não é em vão. O conjunto desses objetos retrata um ambiente doente, pesado e claustrofóbico. E a personificação dos objetos como *candeeiro doente*, *sons em bicos de pés*, *alma molhada* e, por outro lado, a redução das pessoas a objetos *nos tornamos sonetos de almanaque*, *folhas secas em álbuns*, acaba por igualar as coisas esquecidas e inúteis às pessoas que, por metáfora, podemos dizer que também se sentem esquecidas e inúteis. Por isso o personagem afirma *não fazia grande diferença morrer*, pois ele se tornou uma *folha seca*. Desse modo, da mesma forma que todos os objetos referidos na crônica podem ser excluídos, tanto da vida do personagem como da narrativa, essa pessoa, por ter se igualado a eles, também pode ser excluída.

A tristeza que essa crônica apresenta demonstra a solidão profunda, o fundo do poço onde o ser humano é capaz de chegar. Com o diálogo, o convívio e o amor aniquilados, são esses objetos que, por vezes, fazem companhia. Seguindo esta mesma tendência temos *Manual de instruções*, crônica na qual o personagem utiliza flores de plástico para substituir a falta humana:

me apetece, de fato, ir embora, não daqui, mas do que tenho sido, ou seja, do medo de uma cadeira vazia do outro lado da mesa do almoço, com uma jarra de flores de plástico a substituir um sorriso (...) e nos recomendam um dentista, tomando pelo mal-estar de uma cárie o desgosto de nós mesmos que nos faz arrastar de sofá em sofá essa espécie de reumatismo da alma que as porteiras e os psiquiatra confundem com a tristeza.(...) O meu drama consiste em ter demorado tempo de mais a entender que os verdadeiros fantasmas são os vivos e em descobrir, no espelho da manhã, uma cara parecida com a dos meus retratos que me pedia o que eu tinha medo de lhe dar. (...) Se tiver um pouco de sorte hei de encontrar a cara do espelho á minha espera, Se não, não vou desesperar: recuperá-la-ei num reflexo de montra e viremos juntos para casa jantar frente a frente, sem presságios nem remorsos, livres da dieta do bom senso que nos tirou o gosto aos

¹⁷⁹ ANTUNES, António Lobo. “Sugestões para o lar”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.75/76/77

dias e sem a necessidade de uma jarra de flores de plástico para nos defender da solidão.¹⁸⁰

É interessante notar que esta situação não é contada por alguém que está a observar a cena ou a melancolia de outrém; é pois, narrada em primeira pessoa. É notório que a consciência do personagem aparece como um elemento curioso. Se, nas crônicas que vimos, apetecia ao personagem a ilusão, aqui, ao contrário, ele é perfeitamente capaz de compreender a importância que o vaso de flores representa em substituição a uma companhia humana.

Revelam-se na crônica signos pertinentes ao campo semântico relacionado à doença como *cárie, dentista, reumatismo*. Nota-se também na passagem “as porteiras e os psiquiatras confundem com a tristeza” que o personagem iguala os psiquiatras às porteiras. Como se, igualmente às porteiras, os psiquiatras não soubessem distinguir entre doença e tristeza. Sabemos que António Lobo Antunes é médico psiquiatra, o que torna ainda mais simbólica a comparação. Contudo, apesar de a narrativa parecer uma provocação ao próprio ofício, pois subestima a ciência da psique, Lobo Antunes, como integrante da psiquiatria, conhece bem as teorias de Freud. Uma delas nos diz que diz que:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro (FREUD, 1997: 95).

Parece-nos que o autor privilegiou em sua obra todas as causas de sofrimento apontadas por Freud. O mundo externo, que foi a guerra. Do próprio corpo, retratando a morte e a velhice. E em relação ao relacionamento com os outros homens, nas questões relacionadas à incapacidade de amar. As principais questões desta dissertação podem se incluir nesta pequena citação de Freud.

¹⁸⁰ ANTUNES, António Lobo. “Manual de instruções”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.123

Parece que Lobo Antunes trouxe para a sua literatura resquícios do estudo da psicanálise trabalhados em seus vários anos como médico psiquiatra.

Como foi dito, a morte é também um tema recorrente no conjunto das crônicas de Lobo Antunes. Ela se apresenta de várias formas e em diversas situações. Passa pelas mortes decorrentes da guerra, que são vistas pelo autor como violentas e desnecessárias, pela vontade de deixar de existir, que representam a vida como algo sem sentido, que apenas espera o passar dos dias, pela velhice, que tem a morte como algo concreto e real, e as mortes de amigos queridos, que representam, sobretudo, a saudade e a falta que eles fazem. Em entrevista ao Diário de Notícias Lobo Antunes desabafa: *No fundo, envelhecer é ver morrer as pessoas de quem gostamos e às quais, na maior parte das vezes, não tivemos sequer tempo de dizer, por pudor, que gostávamos delas. E o remorso que se sente depois por não o termos feito.*

Com os anos a morte vai-se tornando familiar. Quero dizer não a idéia da morte, não o medo da morte: a realidade dela. As pessoas de quem gostamos e partiram amputam-nos cruelmente de partes vivas nossas, e a sua falta obriga-nos a coxear por dentro.(...) A amplidão do futuro de outrora resume-se a um presente acanhado.¹⁸¹

Na crônica *António 56 ½* Lobo Antunes reflete sobre o tempo passado, presente e futuro:

Aquilo que costumamos chamar de circunstâncias e não passa, (...) obrigaram-no cada vez mais a refletir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. (...) Não conhecendo a tristeza sabia o que era desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto refletidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado que se não ajustavam. Agora que o tempo resolveu os problemas e se tornou ele, o tempo, o problema, reparou que as filhas se transformaram em mulheres e era noite¹⁸²

Lobo Antunes admite que tem *muito poucos amigos. Muito poucos. Porque amizade é como o amor. É uma coisa muito difícil. (...) Julgo que nós não*

¹⁸¹ ANTUNES, António Lobo. “Uma festa no seu cabelo”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.225

¹⁸² ANTUNES, António Lobo. “António 56 1/2”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.19

*podemos contar com mais do que quatro ou cinco pessoas na vida.*¹⁸³ Na crônica *Para José Cardoso Pires, ao ouvido*, o autor escreve sobre a falta que seu grande amigo, e um dos poucos que teve, faz. Ele o descreve como *um solitário que sangrava de devoção e amizade*.

Choveu o tempo todo, esteve frio o tempo todo, ventou o tempo todo mas tínhamos o mar logo a seguir às janelas do hotel, e uma leveza dos anjos, ou do que nos estava de adolescência, teimava em habitar-nos. (...) Caminhávamos de braço dado, imperturbáveis, nas cerimônias oficiais, atordoando leitores confundidos que esperavam de nós a seriedade amargurada do gênio. (...) Se não fosse desagradável para o teu pudor confessava-te que tenho o teu retrato ali, naquela mesa. Ao princípio custava-me olhar. Fazes-me muita falta, muito mais do que imaginei que farias.¹⁸⁴

Além de Cardoso Pires, outro amigo que mereceu uma crônica em sua homenagem foi Ernesto de Melo Antunes. *Não se desce vivo de uma cruz* é dedicada ao seu grande amigo, com quem *a amizade sempre foi mais feita de silêncio*¹⁸⁵, também depois de morto.

Vivi com ele alguma das coisas mais íntimas e secretas da sua vida, da minha vida, em África e em Portugal, e isso fez crescer um entendimento que com mais ninguém tive. Há muitos anos a Catarina, a sua filha mais velha, então pequena, espantava-se pra nós, há horas sem abrimos a boca:

-Vocês nunca falam um com o outro.

Não tinha idade para entender que era esse, precisamente, um dos nossos modos de falar, e que dizíamos tanto por baixo do pudor, do cuidado extremo e da atenta delicadeza com que o Ernesto viveu sempre a camaradagem.¹⁸⁶

Em entrevista Lobo Antunes confessa: *Sinto falta das pessoas que morreram. Por exemplo, toca o telefone às 10 da manhã e penso “É o Zé”*

¹⁸³ PIRES, Catarina e STILWELL, Isabel. “Exortação ao Lobo”. *Notícias Magazine (Diário de Notícia)* Entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2000, p.345

¹⁸⁴ ANTUNES, António Lobo. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.207

¹⁸⁵ ANTUNES, António Lobo. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.149

¹⁸⁶ ANTUNES, António Lobo. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p.149

(Cardoso Pires), *que era a hora que ele me telefonava, ou apetece-me ver o Ernesto* (Mello Antunes) e não posso vê-lo.¹⁸⁷

Maria Alzira Seixo utiliza uma metáfora valiosa quando diz que as crônicas antunianas se apresentam muitas vezes como um *segredo*¹⁸⁸. Em tom intimista, o *segredo* faz com que o autor partilhe com o leitor fazendo *ambos a descenderem a escaninhos íntimos do sentir, ou subir até alturas onde nenhum deles se imaginaria antes acompanhado*.¹⁸⁹ O fato de as crônicas se apresentarem como segredo, nos oferece a possibilidade de entendê-las como algo que não se revela facilmente mas que, quando nos deparamos com realidade narrada, a identificação com a escrita é inevitável. Nuno Judice afirma em sua apresentação no colóquio Évora em relação a Lobo Antunes: “Com os seus livros não nos podemos desculpar de distração, ou dizer que não sabíamos. Está ali tudo, estamos ali todos - e nenhum de nós poderá jurar que não sente a sua falta”.

Podemos entender que a possibilidade de identificação com a escrita de Lobo Antunes pode abrir ramificações para novas faces do “eu” do leitor. Ou seja, a leitura e a identificação com o texto abrem a possibilidade de o leitor se ver de longe, e assim, promove a auto-reflexão e o autoconhecimento. Essa capacidade do autor de se desvencilhar de uma realidade rígida, pré-concebida, que faz com que ele alcance esse segredo tão íntimo que as pessoas dificilmente conseguem revelar: *Os romances bons mostram-nos a nós mesmo*.¹⁹⁰

As crônicas de Lobo Antunes têm uma dimensão universal e são representativas de uma contemporaneidade marcada pelo sujeito fragmentado, carregado de medos e incertezas. Em sua escrita, o leitor contemporâneo encontra um mundo no qual não há nem respostas para suas inquietações nem conforto para suas angústias.

O que é necessário é uma autêntica psicanálise do nosso comportamento global, um exame sem complacências que nos devolva ao nosso ser profundo ou para ele

¹⁸⁷ PIRES, Catarina e STILWELL, Isabel. “Exortação ao Lobo”. *Notícias Magazine (Diário de Notícias)* Entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2000, p.346

¹⁸⁸ SEIXO, Maria Alzira. In: Dicionário da obra de António Lobo Antunes P.43

¹⁸⁹ SEIXO, Maria Alzira. In: Dicionário da obra de António Lobo Antunes P.43

¹⁹⁰ Entrevista de António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cM5bSKc3Wuc>

nos encaminhe ao arrancar-nos as máscaras que nós confundimos com o rosto verdadeiro (LOURENÇO, 1978: 20).

Em *Receita para me lerem*, Lobo Antunes apresenta seus objetivos em relação a sua escrita, aquilo que realmente pretende alcançar com a sua obra:]

É necessário que a confiança nos valores comuns se dissolva página a página, que a nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos, para que outra ordem nasça desse choque, pode ser que amargo, mas inevitável. (...) Abandonem as vossas roupas de criaturas civilizadas, cheias de restrições, e permitam-se escutar a voz do corpo.

Ao utilizar elementos como *enganosa coesão*, o desejo para que *outra ordem nasça* de um choque e para que se abandonem as *roupas de criaturas civilizadas*, Lobo Antunes aponta para a necessidade de romper com o mundo da aparência e buscar aquilo que realmente possa satisfazer a essência do ser humano. Percebemos o desejo de desfazer os valores sociais que fazem com que as pessoas sigam por caminhos alheios aos seus desejos internos, íntimos. Lobo Antunes procura alcançar aquilo que existe de mais profundo nas pessoas, que se evidencia na frase *permitam-se escutar a voz do corpo*. Entendemos que o “corpo” não vem carregado pelas marcas sociais impostas pelas “regras” do convívio, é antes, instintivo na busca por uma coesão que faça sentido.